ISSN: 2358-8829

AMBIENTES QUE FALAM: A IMPORTÂNCIA DA RESOLUÇÃO DE CONFLITOS EM CONTEXTO DE CRECHE E JARDIM DE INFÂNCIA

Geilza Rosa de Oliveira [1]
Cláudia Maria Borba de Paula [2]
Claudemir Maria Borba de Oliveira [3]
Orientadora: Rozineide Iraci Pereira da Silva[4]

RESUMO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo "a importância da resolução de conflitos em contexto de Creche e Jardim de Infância", com o objetivo de compreender o papel do professor no apoio à resolução de conflitos demonstrando a importância da sua resolução para o desenvolvimento integral da criança. Esta pesquisa foi desenvolvida em uma Creche da rede municipal de ensino no município de Cumaru-PE. A metodologia utilizada é de natureza bibliográfica e de campo, com investigação qualitativa com entrevistas semiestruturadas realizadas às professoras cooperantes a análise de conteúdo. As análises dos dados constataram que o tempo em que a criança se encontra em contato uns com os outros influencia a forma como gere e resolve conflitos interpessoais, pois as crianças, de um modo autónomo ou por iniciativa dos adultos, recorrem com frequência à partilha de ideias e sentimentos, importa salientar que os professores precisam viabilizar os momentos de conflitos buscando a resolução para o desenvolvimento e aprendizagem da criança. Conclui-se que o professor tem um papel preponderante no apoio à resolução de conflitos entre as crianças encorajando-as a resolver os conflitos em que se envolvem e criar um ambiente, propício para tal, no qual se sintam seguras e confiantes.

Palavras-chaves: Resolução de Conflitos, Creche, Professor, Criança.

[1] Mestranda em ciências da educação pela Christian Business School-CBS, ogeilza71@gmail.com;
[2] Mestranda em ciências da educação pela Christian Business School-CBS, claudiaborba575@gmail.com;
[3] Mestranda em ciências da educação pela Christian Business School-CBS, claudemirmaria1969@gmail.com;
[4] Professora Orientadora: Doutora em educação pela Universidade Federal de Alagoas-UFAL, neide-silva96@hotmail.com.

ISSN: 2358-8829

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa busca compreender a organização dos espaços na Educação Infantil e o seu papel nas vivências das crianças nas instituições educativo pedagógicas; aprofundando nossa compreensão na função dos profissionais responsáveis por esses espaços institucionais e como esses ambientes podem influenciar nas vivências das infâncias e no desenvolvimento integral das crianças.

A Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, constitui um período fundamental para o desenvolvimento da criança. Nesse contexto, os espaços físicos, tanto internos, quanto externos, desempenham um papel crucial, oferecendo um ambiente propício para a interação e a construção do conhecimento. No entanto, para que esses espaços cumpram seu papel, de forma qualificada, é fundamental que sejam organizados de forma intencional e pedagógica.

A organização dos espaços na Educação Infantil envolve a criação de ambientes que possibilitem a imaginação, a autonomia e a socialização das crianças. A intencionalidade pedagógica nesse processo consiste em planejar e organizar os espaços de forma a favorecer a vivência da infância, aprendizagens e o desenvolvimento das diferentes linguagens (como por exemplo, linguagem corporal, escrita, verbal e não verbal), das diversas artes, culturas, etc.

Assim esta pesquisa objetiva compreender o papel do professor no apoio à resolução de conflitos demonstrando a importância da sua resolução para o desenvolvimento integral da criança.

A educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da ação educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita cooperação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança. Os seus interesses e necessidades são dos principais pontos que devem estar presentes em qualquer prática pedagógica.

O educador deve ter o cuidado de colocar intencionalidade educativa em tudo o que faz, ou seja, deve ter sempre objetivos bem delineados para a realização das suas atividades e produções, tendo sempre uma visão e escuta ativas (Lopes da Silva et al., 2016).

A criança e a sua automotivação para a descoberta devem ser alguns dos principais objetivos de qualquer educador de infância. Para tal, deve, acima de tudo,

garantir o bem-estar e respeitar os interesses da criança, para que seja possível proporcionar um ambiente estimulante ao seu desenvolvimento integral e harmonioso. Visto que o educador tem a função de orientar as aprendizagens das crianças, deve ter em conta que todas as crianças necessitam de ter oportunidades de experimentação sensoriais e motoras.

Desta forma, é importante que exista um ambiente estruturado, bem organizado e harmonioso, onde existam objetos estimulantes que estejam ao alcance das crianças, permitindo a existência de uma variedade de escolhas, desafios visuais, táteis e motores que despertem a atenção da criança, encorajem a curiosidade, a exploração e que permitam a cada criança estabelecer uma relação com o mundo ao seu próprio ritmo.

De acordo com Lopes da Silva et al. (2016, p.9), "cabe ao educador apoiar e estimular esse desenvolvimento e aprendizagens, tirando partido do meio social alargado e das interações que a educação de infância possibilita".

A educação infantil, mais precisamente a educação em Creche e a educação Pré-Escolar tornaram-se uma realidade bastante recente no mundo contemporâneo. Segundo Araújo (2018, p.7), "até metade do século XIX, sendo a família a unidade social e económica base da sociedade, as crianças pequenas eram geralmente educadas no seio da família alargada".

Esta realidade foi-se alterando na sociedade contemporânea com a emancipação da mulher, no século XX, e, também, quando a família deixou de ser uma unidade econômica produtiva, o que levou a que os tutores das crianças se deslocassem do contexto doméstico para o contexto de trabalho. Mediante estes fatores tornou-se crucial a criação de Jardins de Infância para garantir a educação de todas as crianças.

Nesse sentido, Lopes da Silva et al. (2016, p.4) afirmam que "apostar na educação como principal fator de desenvolvimento humano e social significa acreditar que não há fase da vida em que a educação não seja crucial.".

Com o passar do tempo, a criança foi ganhando um papel cada vez mais central no processo de ensino e aprendizagem, tornando-se a personagem principal desse processo. A interação faz parte desse processo sendo encarada como "o diálogo verbal ou não verbal que surge quando os adultos brincam ou comunicam com crianças" (Brickman & Taylor, 1991, p. 27).

Desta forma, ao garantir à criança esses direitos assume-se que ela é a principal agente da sua aprendizagem, "dando-lhe oportunidade de ser escutada e de participar nas

decisões relativas ao processo educativo, demonstrando confiança na sua capacidade para orientar a sua aprendizagem e contribuir para a aprendizagem dos outros." (Lopes da Silva et al., 2016, p. 9).

Comunicar com a criança é ouvir os seus interesses e necessidades relativamente ao mundo que a rodeia, tendo como objetivo dar-lhe o direito de ser escutada, participar e ter controle sobre a sua vida e as suas escolhas, consoante os seus interesses.

A criança ao sentir-se segura é capaz de explorar o meio envolvente com confiança, tornando-se, assim, mais autónoma. Neste sentido, numa sala de Pré-Escolar, no que concerne à rotina diária, esta deve ser intencionalmente planeada pelo professor para que as crianças se sintam seguras e confiantes relativamente ao seu dia-a-dia.

No entanto, deve ser em simultâneo flexível pelo fato de que "é fundamental que a rotina seja conhecida pelas crianças, que sabem o que podem fazer nos vários momentos e prever a sua sucessão, tendo a liberdade de propor modificações." (Silva et al., 2016, p. 27).

De acordo com a teoria do construtivismo de Jean Piaget (1977), o grupo de crianças encontra-se no estádio pré-operatório, sendo uma fase do desenvolvimento que se caracteriza por uma inteligência representativa, isto é, as crianças representam a realidade através de símbolos, imagens mentais, palavras ou gestos, como por exemplo a partir do desenhar ou brincar ao faz de conta.

Assim sendo, a criança começa a representar o mundo com as suas próprias palavras e imagens, demonstrando o desenvolvimento da sua capacidade simbólica. Além disso, neste estádio, não conseguem distinguir o seu ponto de vista de outros pontos de vista, pois consideram que o mundo à sua volta é inteiramente em relação à sua própria maneira de ver as coisas (Cole & Cole, 2004).

Alguns estudos têm evidenciado que as crianças ao conseguirem regular melhor as suas emoções apresentam uma maior competência social (Cadima et al., 2016). Por outro lado, crianças menos competentes socialmente desenvolvem relações mais conflituosas com os pares (Franco & Rodrigues, 2015). Isto porque, possivelmente não tiveram acesso a estratégias diversificadas e adequadas perante situações de conflito.

Logo, a regulação emocional será de extrema importância para desenvolver a autoestima, confiança e bem-estar, sendo fatores que determinam o modo como nos sentimos e relacionamos com os outros seres humanos (Silva et al., 2016). Quando as crianças estão familiarizadas com as emoções são capazes de se relacionar melhor com

os outros, uma vez que aprendem a exprimir e a comunicar os seus sentimentos, diminuindo a possibilidade de manifestarem comportamentos desajustados numa situação emocionalmente difícil para elas.

Ao reconhecerem, diferenciarem e aceitarem diferentes emoções, "(…) sentir-se-ão melhor consigo próprias e reagirão de formas mais genuínas às situações" (Portugal & Laevers, 2018, p. 136).

À vista disso, as crianças em idade Pré-Escolar necessitam, primeiramente, de aprender a reconhecer as emoções e só depois irão conseguir encontrar soluções, de forma autónoma, para os conflitos sociais com que se deparam diariamente. Desta forma, é possível afirmar que "Quanto maior a compreensão das emoções, maior é a capacidade para identificar conflitos" (Franco & Rodrigues, 2015, p. 49), porque se a criança compreender as suas emoções terá mais interações positivas nas relações com os pares.

Por outro lado, de acordo com Webster-Stratton 0(2017), as crianças ao serem capazes de reconhecer as emoções, tanto em si como nos outros, terão a capacidade de exprimir afeto e preocupação perante os adultos e as restantes crianças. Nesta linha de pensamento, também Velosa e Silva (2016) referem que, à medida que a criança interage com os outros vão sendo desenvolvidas capacidades sociais e emocionais, o que potencializa outras competências, como a empatia, a tolerância e o respeito pelo outro.

Sendo que a infância é considerada um período crítico para o desenvolvimento de competências sociais, torna-se essencial referir que durante esta fase é igualmente importante a promoção da empatia, encontrando-se está relacionada com a resolução de conflitos. Isto porque, a empatia promove a compaixão e a tolerância em cada criança, sendo um elemento imprescindível para o convívio em sociedade.

As situações de conflito são consideradas parte integrante da vida diária das escolas, uma vez que não existe maneira de as evitar. Na maioria das vezes, as educadoras têm tendência a pensar nos conflitos como um aspeto negativo, o que faz com que despendam muito tempo nas suas resoluções, "(…) acreditando que, se não for a sua pronta intervenção, talvez esses conflitos não chegassem a ser resolvidos da melhor forma pelos alunos "(Nascimento, 2003: 197).

Os conflitos devem ser vistos como parte importante do crescimento das crianças e como contributo para o seu desenvolvimento pessoal e social, tento em conta que as exigências cognitivas existentes no processo de resolução dos conflitos contribuem para o desenvolvimento das "(…) competências sociocognitivas e de gestão emocional que

tornam o indivíduo mais capaz de estabelecer relações positivas com os outros." (Nascimento, 2003: 197).

As crianças mais pequenas, em idade de creche, tendem a utilizar a única forma que conhecem para resolverem os seus conflitos, tais como: bater, morder, puxar os cabelos, empurrar, entre outros. Segundo Nascimento (2003: 198), as crianças utilizam estratégias que "(…) avaliam como eficazes, mas que, sendo primitivas, produzem resultados que são, predominantemente, negativos (…)".

As crianças têm estes comportamentos pois obtêm rápida atenção por parte do educador quando os realizam pela primeira vez. Ao realizá-los, a criança sente-se vencedora e repete constantemente essas ações em forma de defesa e de captar a atenção. Isto pode suceder de cada vez que a criança voltar a sentir-se abandonada, "mas se os adultos reagirem calmamente, isso perde a importância e provavelmente desaparece". (Brazelton & Sparrow, 2013, p. 87).

Nos momentos de agressão ambas as partes necessitam de proteção e não apenas a que foi agredida. A criança que atacou precisa, igualmente, de ser protegida para se defender dos seus próprios impulsos e sentir-se segura de maneira a encarar os seus problemas e as suas responsabilidades. Por outro lado, é também importante que a criança entenda "(…) que os limites impostos pelos adultos a impedem de magoar os outros e a si própria" (Brazelton & Sparrow, 2013, p./*9* 88) pois nestas idades ainda não conseguem ter a capacidade de o compreender nem de se controlar sozinhas.

Deste modo, cabe então à escola desconstruir a ideia de que as agressões são o meio mais eficiente na resolução dos conflitos e encontrar estratégias para que estes sejam vistos de forma positiva e com vista ao desenvolvimento das relações entre pares.

METODOLOGIA

Esta pesquisa, de natureza qualitativa, adotou uma abordagem bibliográfica e documental para investigar a importância da resolução de conflitos em contexto de Creche e Jardim de Infância. O estudo incluiu revisão de literatura recente, complementada por entrevistas e estudo de caso, com o objetivo de compreender o papel do professor no apoio à resolução de conflitos demonstrando a importância da sua resolução para o desenvolvimento integral da criança.

A produção de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas,

conduzidas com dois professores que atuam em uma Creche da rede municipal de ensino. O roteiro de entrevista foi elaborado com questões abertas, permitindo aos participantes expressarem suas experiências e percepções sobre como garantir o bem-estar respeitando os interesses da criança, para que seja possível proporcionar um ambiente estimulante ao seu desenvolvimento integral e harmonioso.

Segundo Gil (2017), a utilização de entrevistas semiestruturadas para coletar informações apresenta vantagens significativas, como a garantia do anonimato das respostas e a possibilidade de atingir um maior número de pessoas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa de campo foi realizada em uma Creche da rede municipal de ensino, com a participação de duas professoras. Optou-se por priorizar os aspectos qualitativos na análise dos dados coletados. O instrumento utilizado contemplou questões descritivas sobre as estratégias que as professoras podem utilizar para resolver os conflitos.

A seguir, serão discutidos os resultados obtidos, e os participantes serão referidos como professor 1, professor 2, a fim de preservar a identidade.

Quadro 1: Diante de um conflito entre duas crianças como você deve agir para resolver sem que desperte um sentimento de raiva em alguma das crianças?

P1	Devemos manter a calma e tentar resolver da melhor maneira possível sem tomar lado tanto do agressor como do agredido.
P2	Devemos nos aproximar com calma dirigindo-se a elas em um tom de voz calmo e sereno.

Fonte: Elaborada pela autora, 2026.

Após as análises compreende-se que o professor deve seguir vários passos para apoiar a criança no processo de resolução de conflitos: como: Abordar a situação com calma, terminando com qualquer ação ou linguagem agressiva O professor ao intervir uma situação de conflito deve aproximar-se calmamente, colocando-se ao nível da criança (ajoelha-se ou senta-se no chão), dirigindo-se a esta num tom de voz calmo e sereno. O professor observa aquilo que está a acontecer e encara a situação como um momento positivo para a aprendizagem das crianças.

Caso esteja a ocorrer alguma situação ou linguagem agressiva, o professor termina de imediato a ação. Se o conflito envolver a posse de um objeto, o professor segura o mesmo até o conflito se encontrar resolvido. Deste modo, a criança foca-se na resolução do problema e não no objeto.

Quadro 2: É importante que o professor reconheça o sentimento da criança no momento do conflito?

P1	Sim, pois identificar o sentimento da criança no momento do conflito ajuda na resolução.
P2	Sim, o professor deve observar como se encontra os sentimentos de ambas para solucionar o conflito da melhor maneira possível.

Fonte: Elaborada pela autora, 2026.

Conforme as entrevistadas é importante reconhecer os sentimentos da criança para descrever os sentimentos que a criança possa estar a sentir, resumindo detalhadamente o que observa. A criança, de forma a poder concentrar-se nas soluções para a resolução do conflito, necessita primeiro de expressar as suas emoções e, o professor ao reconhecê-las facilita esta partilha por parte da criança.

Recolher informação acerca do conflito para que possa compreender o motivo do conflito, este deve dirigir-se a todas as crianças envolvidas, colocando questões abertas. em seguida deve escutar as crianças e estar atento aos detalhes que estas relatam pois, estes podem ser a chave para a solução do conflito. Durante este passo o professor deve manter-se neutro, sem tomar partido de uma das crianças, evitando efetuar juízos de valor acerca do ocorrido.

Definir o problema com palavras simples, de acordo com o que as crianças dizem utilizando os detalhes e as descrições relatadas pelas crianças, o professor identifica então qual é o problema, utilizando palavras simples e, reformulando, caso necessário, as palavras agressivas utilizadas pelas crianças.

Perguntar ideias ou soluções para o problema e escolhê-las em conjunto, após a identificação do problema, o professor encoraja as crianças a falarem sobre o mesmo e a gerarem ideias sobre possíveis formas de o resolverem. O professor deve respeitar e ter em conta todas as ideias das crianças, auxiliando-as a compreender a relação causa-efeito

de cada uma das possíveis soluções. Depois, as crianças devem escolher em conjunto a solução mais adequada para resolverem o problema.

Apoiar na implementação da escolha e solução do problema, por último, o professor deve reconhecer o esforço das crianças em resolver o conflito e ajudá-las a implementar a resolução do mesmo, tendo em conta o acordo que fizeram. Ao utilizarem frequentemente este processo de resolução de conflitos, as crianças irão interiorizar estes passos e conseguirão, futuramente, aplica-los autonomamente, tornando-se assim, atores na resolução de conflitos.

Contudo, para compreenderem e utilizarem este processo as crianças têm que adquirir várias competências como: desenvolver a autonomia e auto confiança; gerir e expressar os seus sentimentos e emoções; ouvir e respeitar o ponto de vista do outro; expressar as suas ideias e opiniões; e, desenvolver a confiança nas outras crianças e nos adultos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que é importante encararmos o conflito como um processo positivo e percebermos que a sua regulação e solução justa leva a resultados positivos. Relativamente ao papel da escola e do educador de infância e que os docentes têm um papel fundamental no que diz respeito à relação que estabelecem com as crianças.

A autonomia que é dada às crianças é um aspeto fundamental a analisar na gestão de conflitos interpessoais, uma vez que a autonomia faz com que as crianças pensem sobre as suas atitudes e sobre as consequências das mesmas.

O que se pretende é que os conflitos ocorram na sua forma mais construtiva e, caso isso não aconteça, é necessário pensar: “De que modo podemos gerir os conflitos, de modo a que as suas consequências sejam construtivas?” Os instrumentos de regulação que foram analisados permitem também a participação das crianças na resolução dos conflitos, o que leva a que estas conversem sobre o sucedido e cheguem a uma conclusão.

Considera-se também que a família e a escola devem manter uma relação baseada na parceria, na entreajuda, no apoio e no respeito, para que as crianças sintam que tudo o que se passa ao seu redor está realmente em sintonia.

REFERÊNCIAS

Brazelton, T. B. & Sparrow, J. D. (2013). O método de Brazelton – A criança e a disciplina. Lisboa: Editorial Presença

Bogdan, R. & Bilken, S. (1994). Investigação Qualitativa em Educação: Uma introdução à teoria e aos métodos. Porto Editora. https://www.academia.edu/6674293/Bogdan_Biklen_investigacao_qualitativa_em_educacao

Cadima, J., Ferreira, T., Guedes, C., Vieira, J., Leal, T., & Matos, P. M. (2016). Risco e regulação emocional em idade pré-escolar: a qualidade das interações dos educadores de infância como potencial moderador, Análise Psicológica, 3(34), 235-248. http://hdl.handle.net/10400.12/5130

Cole, M. & Cole, S.R. (2004). O desenvolvimento da criança e do adolescente. Porto Alegre: Artemed.

Laevers, F. (2014). Fundamentos da Educação Experiencial: Bem-estar e Envolvimento na Educação Infantil. Est. Aval. Educ., 25 (58), 152-185.

Nascimento, I. (2003). A dimensão interpessoal do conflito na escola. In Costa, M. (2003). Gestão de Conflitos na escola. (pp. 194 - 255) Universidade Aberta.

Piaget, J. (1977). Seis estudos de psicologia. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Portugal, G. (2000). Educação de bebés em creche: perspectivas de formação teóricas e práticas. Revista GEDEI, (1), 85-106.

Portugal, G., & Laevers, F. (2018). Avaliação em Educação Pré-escolar. Sistema de Acompanhamento das Crianças. Porto Editora.
Silva, I. L. (Coord.), Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. Ministério da Educação, Direção-Geral da Educação.

Silva, I. S., Veloso, A. L., & Keating, J. B. (2014). Focus group: Considerações teóricas e metodológicas. Revista Lusófona de Educação, 26, 175-190.

Vale, V. M. S. (2012). Tecer para não ter de remendar. O desenvolvimento socioemocional em idade pré-escolar e o programa Anos Incríveis para educadores de infância [Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra]. Repositório Científico da Universidade de Coimbra.
https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/18273/4/O%20desenvolvimento%20socioemocional%20em%20idade%20pr%c3%a9-escolar%20e%20o%20programa%20anos%20incr%c3%adveis%20para%20educadores%20de%20inf%c3%a2ncia.pdf